

Fernando Molica

Ficção que desembaralha vidas

Fazer ficção, muitas vezes, é atuar como uma antena para captar ondas que se propagam ao longo de décadas, séculos, milênios e que carregam episódios, lendas, emoções, histórias. O escritor que se vire para dar algum sentido a essa infinita coleção de fragmentos que flutua em relatos mais ou menos fixados em livros e em histórias que passam e se renovam ao longo de gerações.

Não há aí qualquer contradição entre ficção e realidade: um fato só existe quando é testemunhado e contado. Cada um de nós vê, ouve e narra de um jeito, daí que documentar também é ficcionalizar. E é a partir deste embate que Godofredo de Oliveira Neto constrói o romance “A ficcionista” (Editora Batel).

De maneira proposital, o subtítulo — “Sonhos e fantasias de uma narradora” — mais embaraça do que esclarece. No caso, há dois ficcionistas: o autor propriamente dito do livro (Godofredo, escritor premiado, professor da UFRJ, membro da Academia Brasileira de Letras) e a anunciada no título (Nikki, nascida Maria Nicodema Krüger Mescolatto Loss).

Nikki, segundo a capa do livro, é uma ficcionista; mas ela, em tese, narra uma verdade, conta sua vida para um escritor-entrevistador. Este paga para gravar o que ela diz, e avisa que usará os fatos do jeito que bem entender — fará, portanto, ficção (uma ficção dentro do próprio romance, apresentado pelo autor como algo documental, a simples transcrição de uma conversa).

Algumas das histórias narradas por Nikki, catarinense como Godofredo, remetem à Guerra do Contestado (1912-1916), uma dessas lutas inglórias, esquecidas e, ao mesmo tempo, vivas e renovadas a cada lembrança. O sobrenome da protagonista é Loss, palavra inglesa que remete a uma perda.

As memórias de Nikki são tão factíveis e fantasiosas quanto as que tratam do monge João Maria, personagem do Contestado citado no livro, homem de tamanha complexidade que acabou virando mais de um — passou a ser três.

A tentativa de consolidar em texto a vida daquela jovem revela-se assim tão impossível quanto a de colocar ordem na memória da guerra que mobilizou posseiros e pequenos proprietários de terras contra desapropriações que viabilizariam a construção de uma estrada de ferro.

Criada em São Paulo, Nikki tentou esboçar um projeto lógico para sua vida, virou especialista em mecânica de caminhões, capaz de decifrar minúcias técnicas de motores, movimento e direções. Mas, como aqueles homens e mulheres do oeste de Santa Catarina e do Paraná, viu-se diante de obstáculos grandes demais, incontornáveis.

Foi preciso bater de frente, brigar, desafiar o Estado, seguir caminhos erráticos que conduziram a esboços canhestros de revolução: a guerra do início do século XX, a organização, pelo grupo de Nikki, de assaltos para arrecadar bens e distribuí-los entre os pobres.

A história da jovem confunde-se assim com a de pessoas que atuaram em um conflito que ganhou contornos religiosos e que, como Canudos, acabou rotulado pelo poder como uma rebelião de características antirrepublicanas. Isto, por falar em monarquia celeste, delírio do monge que reencarnava — assombração que, como Nikki, continua a vagar por aí, protegida pelos Doze Pares de França, sempre em busca da vereda profetizada e prometida que leve a um país melhor, mais justo. Ou, como reitera a protagonista, procure uma simples BR, caminho de fuga e possibilidade de destino.

Gaudencio Lucena\*

Acidentes nas frotas: o custo que empresas pagam por não usar tecnologia

O que você imagina quando pensa na palavra “carro”? Para a maioria, a primeira imagem mental que surge é a de um modelo importado, talvez um esportivo luxuoso com linhas agressivas. No entanto, essa percepção pode ser facilmente confrontada pela realidade de um Fiat Cronos: um carro popular, nacional e sem itens de luxo. Essa rapidez com que formamos impressões, muitas vezes equivocadas, mas que nos parecem absolutamente precisas, revela um funcionamento fascinante da mente humana. O fato é que nosso cérebro detesta coisas incompletas; quando recebemos uma informação parcial, nossa parte reativa entra em ação para preencher as lacunas instantaneamente, baseando-se em expectativas geralmente positivas.

Essa reação natural e automática abre uma oportunidade estratégica para a comunicação: a capacidade de influenciar ao emoldurar o potencial de uma ideia. Como o potencial habita o campo da incerteza, o interlocutor tende a preencher esse espaço vazio com imaginações saudáveis e otimistas. Isso permite que você torne sua proposta muito mais atrativa do que ela é no presente, sem que para isso precise recorrer a qualquer mentira. Trata-se de guiar o olhar do outro para o que está por vir, em vez de deixá-lo estagnado apenas no que já está posto.

Um exemplo prático dessa dinâmica ocorre em entrevistas de emprego. Ao participar de um processo seletivo, você pode optar por listar apenas seus feitos,

cursos e experiências profissionais, o que dará ao recrutador uma noção clara do profissional que você é hoje. Contudo, ao citar suas transições e enfatizar como você evoluiu ao longo da carreira, você desloca o foco para o seu potencial. Diante dessa narrativa de crescimento, o entrevistador naturalmente preencherá a incerteza do futuro com uma visão positiva própria, projetando o seu sucesso dentro da organização e aumentando significativamente suas chances de conquista da vaga.

Existem diversas técnicas funcionais como esta para causar impacto em sua comunicação, e a melhor forma de encará-las é como ferramentas em uma maleta. De acordo com a situação, você deve escolher aquela que melhor se aplica ao contexto e ao objetivo desejado. A prática constante torna essa seleção cada vez mais intuitiva, permitindo inclusive conjugar diferentes estratégias para obter um aproveitamento ainda maior. Ao dominar a arte de gerenciar as lacunas que o cérebro do outro preenche, você assume as rédeas da sua própria influência. Com a prática, você não apenas seleciona a ferramenta certa para cada situação, mas começa a conjugá-las para criar um impacto inquestionável. Afinal, na arena profissional, nem sempre vence quem tem o melhor conteúdo, mas quem sabe guiar a imaginação do outro.

**\*Engenheiro eletricista e managing director da Domperf High Performance**

EDITORIAL

SUS avança em diagnóstico de doenças

A decisão do Ministério da Saúde de incorporar ao Sistema Único de Saúde o Sequenciamento Completo do Exoma (WES) representa um avanço histórico na política pública voltada às doenças raras no Brasil. Ao reduzir de até sete anos para seis meses o tempo médio de espera por um diagnóstico, o governo federal enfrenta um dos maiores gargalos vividos por milhões de famílias: a incerteza prolongada diante de sintomas sem explicação e a angústia de peregrinar por consultórios e exames inconclusivos.

Trata-se de uma medida que alia tecnologia de ponta, planejamento estratégico e compromisso com a equidade. O WES é capaz de identificar mutações genéticas responsáveis por cerca de 90% das doenças raras de origem genética, muitas delas já rastreadas no teste do pezinho. Na rede privada, o exame pode custar até R\$ 5 mil, valor inacessível para grande parte da população brasileira. Ao torná-lo gratuito no SUS, o Ministério rompe uma barreira histórica de acesso e reafirma o princípio constitucional da universalidade da saúde.

O investimento anunciado, de R\$ 26 milhões por ano, também demonstra que não se trata de ação pontual, mas de política estruturante. Com capacidade prevista para 20 mil diagnósticos anuais, os laboratórios públicos responsáveis pela análise

das amostras poderão atender integralmente a demanda nacional. É um passo consistente para garantir que a alta complexidade não seja privilégio de poucos, mas direito de todos.

Igualmente acertada foi a escolha do Hospital de Clínicas da Unicamp como ponto de coleta em São Paulo. Referência em ensino, pesquisa e assistência, o HC reúne expertise técnica, infraestrutura e tradição acadêmica compatíveis com a responsabilidade que o programa exige. Ao integrar a iniciativa, a instituição reforça seu papel estratégico no fortalecimento do SUS e projeta Campinas como polo de excelência em medicina de precisão.

Num país onde cerca de 13 milhões de pessoas convivem com alguma das mais de 7 mil doenças raras catalogadas, reduzir o tempo de diagnóstico significa antecipar tratamentos, evitar complicações e, sobretudo, devolver qualidade de vida às famílias. A iniciativa demonstra que é possível combinar ciência, gestão pública eficiente e sensibilidade social. Ao ampliar o acesso à genética de alta tecnologia, o Ministério da Saúde reafirma a vocação do SUS como um dos maiores e mais inclusivos sistemas públicos de saúde. E, ao contar com o HC nessa missão, sinaliza que o caminho para a inovação passa pela parceria.

Opinião do leitor

Orações

Minha solidariedade às populações de Minas Gerais e Estado do Rio de Janeiro, especialmente àquelas famílias que perderam vidas e suas casas, oremos.

*José Ribamar Pinheiro Filho  
Brasília - Distrito Federal*

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929) • Paulo Bittencourt (1929-1963) • Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Cláudio Magnavita (Publisher)  
claudio.magnavita@gmail.com

Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima (Coordenador editorial)

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil  
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação), Anderson Sã e Thiago Ladeira

Telefones: (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872  
Whatsapp: (21) 97948-0452

Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Mello Neto 850 Bloco 2 Conj. 520  
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057

Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes  
Brasília - DF CEP 71736-20

São Paulo: Av. Francisco Matarazzo, 1752, sala 2317, Água Branca - São Paulo-SP - CEP 05001-200  
Campinas: Avenida Aquidabã, 786, Sala 51, Centro - Campinas-SP, CEP 13010-132

www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.